

Ensaio sobre uma imagem sem nome ou: aprender a ouvir os mortos



RESUMO

Este ensaio tem como objetivo discutir de que maneiras o luto da pandemia de covid-19 e o luto pessoal podem se imbricar durante o processo de pesquisa acadêmica, de que modo eles têm consequências mútuas e quais os impactos para o investigador quando se trabalha com um tema tão próximo a traumas e problemas pessoais. Argumenta que o trabalho acadêmico causa consequências e impactos ao pesquisador em sua vida pessoal e que esses não são visíveis quando se inicia o processo de pesquisa. Isso ocorre também porque, neste processo, vamos ao encontro de algo que nos aflige. Pesquisas anteriores, feitas a partir da metodologia etnográfica da antropologia visual, são trazidas em comparação para tratar dos eventos da pandemia e da morte de minha mãe. Conclui que tal processo modifica o pesquisador por inteiro e que a antropologia permite que ele seja afetado por esse fazer de maneira irremediável.

Palavras-chave: Fotografia; Luto; Morte; Antropologia visual; Etnografia.

* Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). CV: <http://lattes.cnpq.br/7809816849220125>

Essay on an image with no name or: learning to listen to the dead

ABSTRACT

This essay aims to discuss the ways in which grief over the covid-19 pandemic and personal grief can intertwine during the academic research process, in which ways they have mutual consequences, and what the impacts are for the researcher when working with a topic so close to traumas and personal problems. It argues that academic work has consequences for the researcher's personal life, and that these are not visible at the outset of the research process. This also occurs because, in this process, we encounter something that distresses us. Previous research, based on the ethnographic methodology of visual anthropology, is brought into comparison to address the events of the pandemic and the death of my mother. It concludes that this process changes the researcher entirely and that anthropology leaves them irrevocably affected by this work.

Keywords: Photography; Grief; Death; Visual anthropology; Ethnography.

Ensayo sobre una imagen sin nombre o: aprender a escuchar a los muertos

RESUMEN

El objetivo de este ensayo es analizar de qué manera el duelo por la pandemia de covid-19 y el duelo personal pueden entrelazarse durante el proceso de investigación académica, cómo se influyen mutuamente y qué repercusiones tiene para el investigador trabajar con un tema tan cercano a los traumas y problemas personales. Se argumenta que el trabajo académico tiene consecuencias e impactos en la vida personal del investigador, que no son visibles al inicio del proceso de investigación. Esto ocurre también porque, en este proceso, nos encontramos con algo que nos aflige. Se comparan investigaciones anteriores, realizadas mediante la metodología etnográfica de la antropología visual, para abordar los acontecimientos de la pandemia y la muerte de mi madre. Concluyo que dicho proceso modifica por completo al investigador y que la antropología permite que este se vea afectado por esta actividad de manera irremediable.

Palabras clave: Fotografía; Duelo; Muerte; Antropología visual; Etnografía.



Este ensaio tem como objetivo discutir de que maneiras o luto da pandemia de covid-19 e o luto pessoal podem se imbricar no processo de pesquisa acadêmica, de que modo eles tiveram consequências mútuas e quais os impactos para quem trabalha com um tema tão próximo a traumas e problemas pessoais. Estudei a pandemia de covid-19 entre 2020 e 2022. Muito antes disso, em 2004, perdi minha mãe. Em minha pesquisa de iniciação científica, feita a partir de 2020, no auge da pandemia, fiz uso de uma abordagem antropológica, tanto no âmbito da antropologia visual quanto no da antropologia da morte, e nelas vislumbrei uma maneira de lidar com meu próprio luto – negado – e reelaborar situações difíceis pelas quais passei. A pesquisa, que será melhor explorada no decorrer deste ensaio, investigou a publicação de fotografias jornalísticas sobre a covid-19 em jornais brasileiros.

Admito que, muitas vezes, maior que o meu interesse no conceito acadêmico que se apresentava diante de mim durante a pesquisa, era o interesse em como tal palavra poderia me ajudar a reelaborar situações difíceis de minha própria história. Com o passar do tempo, os conceitos passaram a trabalhar de maneira conjunta, intercalando o acadêmico e a vivência pessoal. As situações pelas quais passei – apesar de não diretamente ligadas à pandemia – foram essenciais na construção da pesquisa. Ao mesmo tempo, o trabalho acadêmico se tornou necessário para a continuidade de um processo de cura pessoal.

Os relatórios finais da iniciação científica, assim como os artigos publicados sobre ela (Sanfelicio, 2022; 2024), não têm traços de meus esforços particulares de lidar com a morte de minha mãe, e com o subsequente luto negado que sofri durante anos – e nem seria o lugar para tal. Meu luto pessoal e o luto causado pelas mortes da pandemia são coisas diferentes, e considero, ainda hoje, que seria até mesmo desrespeitoso me inserir dessa maneira no corpo e no texto do que se tornou a pesquisa acadêmica. As histórias que trabalhei durante a pesquisa não são minhas e passei por elas assim como elas passaram por mim. As histórias pesquisadas dos tantos lutos da pandemia e meu luto pessoal são instâncias separadas. Mas, para mim, um não existiria sem o outro.

Trago esse aparte também porque acho importante expor que não trabalho com autoetnografia, nem durante a pesquisa prévia que menciono aqui nem neste ensaio. A autoetnografia é um processo metodológico que faz uso de dados pessoais autobiográficos (Maia & Batista, 2020; Santos, 2017) e trabalha com esses dados durante o processo de pesquisa. Apesar de trazer considerações acerca de minha vida pessoal, afirmo que não faço uso dessa metodologia por entender que os dados de minha vida pessoal não fazem parte do corpo de dados usados no trabalho etnográfico. Isso não significa, porém, que esses dados não foram importantes para mim, enquanto pesquisadora, no processo de fazer o trabalho acadêmico. Quando a pandemia teve início, os processos ligados aos ritos funerários se tornaram visíveis demais para mim – tão visíveis que era impossível esconder de mim mesma meu próprio luto. Não foi um movimento feito exclusivamente por mim. De acordo com a psicanalista Jacqueline Rose,

Em uma entrevista de 2020, a psicanalista e teórica búlgaro-francesa Julia Kristeva descreveu como as sessões por telefone tornadas obrigatórias na pandemia, e em que a voz ocupa um outro lugar, estão ajudando pacientes reticentes a falar de memórias e sofrimentos



profundos – a morte precoce de uma mãe por câncer, um caso de abuso ou abandono vivido na infância – que nunca haviam sido capazes de acessar ou articular (Rose, 2024, p. 31).

A voz, usada pelos pacientes de Kristeva para dar vazão a processos de elaboração de experiências, no meu caso, tomou a forma de imagens e fotografias. Este ensaio é, então, uma reflexão amparada teoricamente em textos antropológicos, em que falo sobre o processo de construir uma pesquisa sobre morte e rituais funerários enquanto eu mesma elaborava meu luto. Uso dados de minha vida como matéria-prima do pensamento da mesma maneira que os utilizei enquanto escrevia a pesquisa durante a pandemia, colocando-os em contraste com teoria e prática, mas compreendendo que eles não são – nem nunca foram – base da pesquisa em si.

Entendo que o encontro da pesquisa e de minha vida pessoal só foi possível graças a um evento global que me forçou a olhar para um panorama externo (o luto difícil, e muitas vezes negado, causado por uma pandemia que impediu o contato com os corpos dos mortos) e encontrar nele um espelho de uma situação que, para mim, era cotidiana (um luto difícil e negado por anos, e que conseguiu, durante o evento externo, uma possibilidade de ser trabalhado de alguma maneira). Tal encontro também só faz sentido a partir do momento em que me deparo, na vida acadêmica, com uma possibilidade de unir esses dois panoramas. Ao final, argumento a favor da antropologia como área do conhecimento que vai além do que é proposto por um escopo de ciências tidas como “duras”, e permite vincular pesquisa e pesquisador em um processo de mudança significativa do eu.

Processos conjuntos

De minha mãe à pandemia

Comecei a pesquisar a morte em 2020, no auge da pandemia de covid-19. Por muitas vezes, me preocupei com uma questão relacionada à temporalidade, por acreditar que muitas pessoas pensariam que minha pesquisa teve início por um senso de oportunidade temática, quando isso não poderia estar mais longe da verdade. A realidade é que, antes de falar da pandemia, já havia minha mãe. A pesquisa inicial, que deu origem à pesquisa acadêmica, foi um trabalho final de disciplina de graduação no curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, ministrado por Sylvia Caiuby Novaes, com o nome de “Tópicos de Antropologia das Formas Expressivas: Fotografias e Trajetórias”. Nele, discorri durante 20 páginas sobre fotografias de minha mãe, que tratavam de sua vida, em uma busca de criar para ela uma trajetória que eu mesma não conhecia, e que fosse além de minha relação como filha. Naquele momento, ainda não tinha consciência do luto negado, ou do que isso significava. Ao final, percebi que o assunto não havia se exaurido: eu precisava falar mais, e precisava falar sobre um assunto que se tornava cada vez mais exasperante para mim – mesmo que eu ainda não tivesse a consciência do porquê. Comecei então uma pesquisa sobre a produção de fotografias jornalísticas feitas em cemitérios do Brasil durante o evento da pandemia de covid-19. No



início, não havia relação direta desta pesquisa com o trabalho feito sobre minha mãe – ou, ao menos, não pensei que havia, pois

há uma simbolização que está conectada com a intenção inicial do antropólogo ou do artista de representar seu objeto. Mas o criador não pode estar consciente dessa intenção simbólica ao perfazer os detalhes de sua invenção, pois isso anularia o efeito norteador de seu “controle” e tornaria sua invenção autoconsciente (Wagner, 1981/2017, p. 38).

Eu não estava consciente das razões que me levaram a falar de minha mãe, ou a pesquisar a pandemia. Os assuntos se uniram em data posterior, quando foi possível trazer à consciência o luto negado – e aceitar as maneiras como a etnografia havia me modificado. Naquele primeiro momento, tudo o que foi possível fazer foi iniciar a pesquisa sobre as fotografias da pandemia. A partir de uma metodologia etnográfica, calcada em abordagens da antropologia visual, passei a considerar as fotos dos cemitérios como meu campo de pesquisa.

O esforço da iniciação científica teve como resultado um acervo de mais de 200 fotografias, ainda hoje aberto e disponível para consulta por outros pesquisadores.² A partir desse acervo de fotografias cemiteriais, foi feita a análise sobre possibilidades de outros espaços e outras imagens de e para os mortos e o luto durante este evento histórico, que iriam além dos ritos funerários e dos espaços cemiteriais como conhecidos antes da covid-19. A pesquisa, nesse momento, se focou nos corpos dos mortos e na construção de seus duplos (Vernant, 1990) pelos enlutados. A pandemia de covid-19 trouxe como consequência um impedimento no trato com os corpos dos mortos. A doença se propaga pelo ar – daí a necessidade e importância do uso de máscaras e da vedação do rosto das pessoas. O fato de ser uma doença nova trouxe consigo uma série de perguntas que demoraram a ser respondidas. Depois de mortos, era possível que os corpos continuassem a ser contaminantes? Era possível retirar as máscaras em ambientes de velório e manter a segurança? Quantas pessoas poderiam participar de um funeral sem que houvesse risco de contaminação? Não saber essas respostas impediu que os ritos funerários ocorressem da forma esperada socialmente (Vicente da Silva, 2020a e 2020b) e, por isso, a forma pública dos rituais, antes vividos coletivamente (Mauss, 1979), perderam grande parte da função simbólica que exerciam socialmente.

Mesmo depois que as respostas sobre possíveis contaminações começaram a aparecer, os ritos funerários seguiram com número diminuído de pessoas e os corpos – em caixões fechados, muitas vezes envoltos em panos – eram invisíveis aos enlutados. O corpo do morto se tornou profano, intocável, e os processos de luto que se seguiram foram difíceis, pois o corpo, como primeiro duplo do morto, se faz necessário para a reconstrução da vida social em torno do vazio deixado pela perda. Ainda hoje, em minha pesquisa etnográfica em cemitérios e velórios, é possível perceber os efeitos da pandemia no tempo diminuído dos funerais. Os ritos, que antes se estendiam durante um dia inteiro e, às vezes, até mesmo viravam a noite, hoje, no pós-pandemia, duram entre duas e quatro horas. Muitas vezes, o tempo do funeral é tão curto

² Pode ser encontrado neste [link](#).

que não há tempo hábil de parentes e amigos enlutados que estão distantes ou moram em outras cidades chegarem ao local para participarem dos ritos.

Quando minha mãe morreu, seu corpo foi invisível para mim. Apesar de eu tê-lo encontrado em casa, foi rapidamente retirado de lá e levado para o hospital. Dali, só voltei a vê-la já depois do processo de cuidados da funerária – dos quais nada fiquei sabendo. Na ânsia de me proteger, os que estavam à minha volta impediram que eu conseguisse participar das trocas afetivas de reconstrução de laços perdidos. Ao olhar para as fotografias feitas no contexto da pandemia, passei a enxergar também minha história: um luto negado está posto e assim será compreendido, não importa o contexto. Me aproximei das imagens da pandemia, principalmente fotojornalísticas, tentando também encontrar minha mãe, que estava perdida, dentro de meu luto negado. É importante dizer que, nesse momento, foi modificada também minha forma de olhar para o mundo. Ganhei consciência de um processo de cuidado ao olhar os mortos, restituindo a eles seu espaço na sociedade. Dessa forma, entrar em contato com as fotos da pandemia me permitiu entender meu processo de luto de uma nova maneira. Passei a me aproximar do tema a partir de conceitos que até então não entendia, exercitando um novo olhar para com os mortos. Assim, aos poucos, percebi os problemas do meu relacionamento com a morte da minha mãe e com meus mortos no geral.

O não saber faz parte do processo acadêmico. Nele, se descobrem outras maneiras de olhar para a vida. No caso de se fazer pesquisa com algo que nos afeta tão completamente, há especificidades. Me aproximei do tema da morte sem me dar conta de que falava do meu próprio luto negado e o uso de definições acadêmicas permitiu que essa aproximação acontecesse mesmo depois de muitos anos da morte que instaurou todo o processo. Negação, luto difícil, invisibilidade do morto, duplos dos mortos foram palavras que se inseriram em minha rotina e em minha forma de pensar minha relação com meus próprios mortos e com o processo de morrer. Ao dar nomes a fenômenos que eu me recusava a viver, eles passaram a existir também em minha rotina – afinal, só pode existir aquilo que se nomeia.

Usando esses conceitos, passei a reconstruir o duplo de minha mãe em minha própria pesquisa – mesmo que seu nome nunca tenha sido citado. De certa forma, instaurei um novo lugar para minha mãe em minha vida – e em minha pesquisa –, reconstruindo laços sociais com ela que até então estavam perdidos. Essa possibilidade se deu não pelo uso de minhas experiências, que nunca se tornaram dados de pesquisa, mas pela compreensão de que o processo de fazer a pesquisa não teria acontecido caso eu não tivesse vivenciado a morte de minha mãe tantos anos antes. Foi essa morte que me colocou no processo de pesquisar outras mortes e, a partir delas, explorar de que maneiras as pessoas poderiam construir seus duplos, fazer seu luto, dentro do contexto de uma situação extrema como a pandemia. Caso ela não tivesse morrido, a pesquisa durante a pandemia não teria acontecido, pois, de maneira inconsciente, comecei a pesquisar os mortos buscando encontrá-la. Assim, minha mãe me levou à pandemia e suas fotografias me fizeram passar a olhar para as fotografias dos mortos pela covid-19, que me fizeram perceber meu luto negado.

Mas o processo não terminou aí.



Da pandemia à minha mãe

Se minha vida pessoal me permitiu ir ao encontro dos conceitos acadêmicos, a recíproca também foi verdadeira. Durante a pesquisa, me dei conta da impossibilidade de deixar minha mãe de lado. A partir do momento em que percebi sua presença no processo de investigação, compreendi que as coisas não funcionariam mais de maneira separada. Nos resultados, como já comentado, ela não aparece nem deve aparecer: ela não é dado de pesquisa, nem naquele momento, nem neste. Se minha mãe não é dado de pesquisa e, mesmo assim, afirmo que ela é parte essencial do que foi feito, explico isso porque sua morte se tornou um disparador de reflexões antropológicas sobre os processos que envolvem a morte e o morrer na sociedade contemporânea. Iniciei a pesquisa com a leitura de Ariès (2012) e, já nesse momento, compreendi estar diante de situações em que vivi com minha mãe e, no tempo da pandemia, vivia aquilo que Ariès (2012) chama de morte interdita, com a recusa e/ou a impossibilidade de se viver o luto pelos mortos. As razões pelas quais as pesquisas tiveram início diferem, mas as consequências das duas pesquisas em meu subjetivo eram as mesmas, e, por isso, como tais devem ser tratadas.

Ao considerar as coisas dessa maneira, a morte de minha mãe e as mortes da pandemia voltam a se entrelaçar. Neste momento, aceitei “ser instruída pelos mortos” (Despret, 2023), um posicionamento que fez toda a diferença no decorrer da pesquisa. Ao decidir ouvir o que minha mãe tinha a me dizer e entender sua história, passei a me voltar aos mortos da pandemia da mesma maneira. Escutar os mortos é um processo que também se aprende. Esta aproximação trabalha de maneira similar àquela encontrada no fazer etnográfico, no qual há a conversa constante com nossos interlocutores – mesmo que os meus não respondam da maneira usual, com que estamos acostumados a construir relações. Descobri, então, outras formas de ouvir os mortos, a partir de suas fotografias.

A antropologia visual propõe as imagens como campo de pesquisa, e

Para nós, antropólogos, essa percepção propiciada pela imagem é, de algum modo, semelhante àquela possibilitada pela etnografia. Ao descrever estranhando, mesmo aquilo que nos é absolutamente familiar, a etnografia nos permite ter acesso a uma realidade outra que está como que submersa nas teias de familiaridade que encobrem nosso olhar. Paradoxalmente, são estas imagens que nos permitem ir além daquilo que é imediatamente visível (Caiuby Novaes, 2004, p. 13).

A etnografia no campo visual permitiu estranhar o que era familiar, colocando minhas ideias em xeque e me fazendo repensar minha relação com minha mãe. Foi também a partir dessa ideia que passei a pensar as imagens da pandemia. Essa visão trouxe à tona tudo aquilo que estava invisível e repensei o que até então me era familiar e naturalizado no contato com a morte e com os mortos. Tudo isso ocorreu a partir do campo de pesquisa – as fotografias. Naquele momento, mesmo ainda não tendo entrado em contato com as ideias de Aby Warburg (2015) quanto a constelações de imagens, já as havia colocado em prática: as fotografias

recolhidas no acervo foram colocadas lado a lado, analisadas de uma maneira em que elas pudessem conversar umas com as outras. Os mortos estavam, também, conversando entre si.

Hoje, após a pandemia e olhando para trás, compreendo que a pesquisa foi feita a partir de uma aproximação que entende a imagem, no geral, e a fotografia, no particular, como algo que veicula pensamentos e que consegue catalisá-los. Mais do que isso, compreendo a imagem como uma forma que se pensa a si mesma (Samain, 2012) e à nossa revelia. Dizer isso é compreender que as imagens têm agência e criam movimento. Elas existem dentro de um sistema de relações que compreende também um observador, que, mais do que as visualiza, participa desse movimento. Esse observador – no caso posto, a pesquisadora – nunca será imparcial e objetivo, pois traz para a relação seus próprios pensamentos. Ao mesmo tempo, questionar minha parcialidade quanto ao tema, assim como minha subjetividade, traz para a pesquisa algo de mim já elaborado previamente, que não precisa encontrar no papel sua válvula de escape. Não é à toa que minha mãe não aparece na pesquisa, nem nomeada, nem de maneira subjetiva. Sua inserção foi barrada por mim mesma, em um processo ativo, de maneira a não extrapolar para este trabalho de pesquisa algo que é do âmbito pessoal – e isto só pôde ser feito graças à compreensão de que ela estava ali, sempre presente.

Como mencionado, durante o processo de pesquisa, a metodologia etnográfica permitiu que as imagens fotográficas do acervo fossem colocadas em relação umas com as outras, e nesse momento minha subjetividade foi colocada no trabalho, de maneira clara e explicitada ao leitor. Isso ocorreu pois a escolha final das fotografias que seriam analisadas se deu também pelo quanto elas me atingiam, feita uma flecha (Barthes, 1980), e pelo quanto eram significativas para mim. Era impossível escapar disso: para além da problemática que imbricava o tema com minha perda pessoal, também passávamos por um momento bastante delicado no país, com um número absurdo de mortes e um governo que operava a partir da necropolítica. A quantidade de mortos – inumeráveis – constituiu no Brasil uma escolha política deliberada. O conjunto de todas essas características influiu também na escolha dessas imagens.

As fotografias usadas na pesquisa criaram seu próprio sistema de relações, que me inclui também. Como um diagrama de Venn, em que círculos demonstram a união de determinadas unidades, imagino as imagens selecionadas para análise na pesquisa como um conjunto que contém a mim mesma. Outro círculo, unido a esse primeiro, conta comigo e com as fotos de minha mãe. Esta imagem mental que crio agora demonstra também a imbricação criada no decorrer da pesquisa. Sou parte de dois conjuntos de imagens que falam sobre o luto, separados entre si por mais de uma década e por diversas situações e contextos em que não se conversa. Ao mesmo tempo, estão unidos a partir de um único elemento: eu, enquanto pesquisadora, e eu, enquanto filha. Dois papéis de uma mesma pessoa, sendo que nenhum conjunto existiria sem o outro. Ambos dependem do outro para estarem no lugar. Como se vê, problemas pessoais e traumas passados tiveram implicações práticas no decorrer da pesquisa acadêmica, assim como a pesquisa modificou esses traumas – não vivo mais um luto negado, aprendi a escutar minha mãe, a construir seu duplo, a lidar com sua falta, na medida do possível. De certa maneira, este foi também um esforço para dar significado ao evento vivido, para pensar no que

a normalidade me impedia de pensar – para “não permitir que todo esse sofrimento passe em vão” (Giordano, 2020, p. 74) no intervalo doloroso que todos passamos.

O lugar da pesquisadora e da antropologia

Quando estava terminando a pesquisa, em conversa com minha coorientadora,³ ela finalmente me fez a pergunta que – admitiu – queria fazer desde que eu havia começado a trabalhar com ela: quem havia morrido? Nas palavras dela, que aqui reproduzo de memória, “Não há como trabalhar esse tema sem termos uma conexão particular com ele”. A conexão, estava muito clara para mim desde o início, era minha mãe – mesmo que eu não soubesse os termos dessa ligação quando iniciei o trabalho. Trabalhar este tema me fez reviver a morte dela, e trouxe para aquele momento todas as emoções do ritual funerário, pois o luto “é o tempo vivido sem seu fluxo” (Rose, 2024, p. 90). Foi o processo da pesquisa, a relação com os termos e conceitos e a racionalização e posterior elaboração do ritual funerário e do luto que me permitiram repensar essa conexão. Repensei, também, a razão por que me aproximei deste tema e me permiti encarar a dor. Se por tanto tempo neguei a morte de minha mãe, naquele momento algo permitiu que eu pudesse modificar essa relação.

Admito o papel da pandemia nesse contexto, como já exposto antes. Mas abro aqui também a discussão sobre a importância da Antropologia no meu percurso de pesquisa. Acredito que essa área do conhecimento, mais do que outras, permite ao pesquisador se vincular ao seu tema de pesquisa de maneira única. A conexão do diagrama de Venn explicitada acima se deu por um processo em que a pesquisadora se deixa afetar pelo campo. Muito já foi falado sobre isso e gostaria de falar também. Esta pesquisa possibilitou que eu construísse novos caminhos para mim e para meu pensamento, e ocupar um novo lugar “não me informa nada sobre os afetos do outro; ocupar tal lugar afeta-me, quer dizer, mobiliza ou modifica meu próprio estoque de imagens” (Favret-Saada, 2005, p. 159). As imagens podem não ter mudado, mas mudou a compreensão que eu tinha sobre elas.

O processo do fazer antropológico e etnográfico modifica o pesquisador por inteiro e é impossível fugir disso. Aceitar ser afetada, aceitar ser guiada pelos mortos, aceitar um processo em que as imagens conversam entre si são todas características de uma disciplina que não trabalha somente a partir de um ideário racional sobre o que é ciência. Permitindo trabalhar entre arte e ciência, a Antropologia traz também a possibilidade de modificação do eu, pois permite a inserção do pesquisador nesse emaranhado, criando um sistema de relações que vincula o pesquisador e sua pesquisa. Volto ao diagrama de Venn: ele demonstra como, no decorrer do trabalho, vida pessoal e pesquisa andaram de maneira conjunta, uma guiando a outra, mas sem nunca se unirem completamente. Na união desses dois conjuntos, a pesquisadora vê a possibilidade de mudanças significativas na maneira como olha o mundo. Ao sair do campo, percebe-se que o mundo que existia antes não será nunca mais o mesmo. Esta dimensão de mudança é o *anthropological blues* (Da Matta, 1978) e a característica triste de se perceber que nunca mais se poderá ver o mundo com os mesmos olhos de antes.

³ Carolina Junqueira dos Santos, cujo trabalho pode ser encontrado em <https://corpo-lacuna.squarespace.com/>.

A Antropologia permitiu que eu me deixasse ser guiada pelos mortos e que conversasse com eles. Abri minha própria investigação, a partir deles, dando-lhes lugar e acolhendo seus pedidos, na esperança de, assim, conhecer outros caminhos para lidar com a morte e com o luto. Posso dizer que funcionou e me vi, ao final dessa empreitada, tendo construído um duplo de minha mãe a partir de minha pesquisa. Ela vivia novamente, mesmo que seu nome não tivesse sido dito. Acredito que Roland Barthes (1980), em *A câmara clara*, tenta fazer o mesmo: recriar algo de sua mãe morta, instaurar naquelas páginas algo que se foi e não pode ser mais encontrado no plano físico, mas que ainda vive em sua memória. Não sei se sua empreitada teve êxito. Nesse livro, repleto de fotografias, Barthes (1980) se recusa a dar nome e imagem para sua mãe. Aqui, faço o inverso. Se em minha primeira pesquisa minha mãe foi suprimida – por razões já explicadas – ela aparece neste ensaio. Restauro alguma instância dela quando escrevo, e trago ela de volta para perto de mim.

Antes de começar a primeira pesquisa, escrevi, em uma página em branco, que estava como Orfeu: saindo do Hades, olhava para trás antes do tempo – e seguia perdendo meus mortos. Agora, olho para trás e vejo ali minha mãe. Seu nome era – é – Teresa. Mesmo sem maiores pretextos, mesmo sem ser dado de pesquisa, ela guiou minha escrita desde o primeiro momento. “Os mortos pedem ajuda para nos acompanhar; há atos a serem realizados, respostas a serem dadas a esse pedido. Responder não apenas conclui a existência do morto, mas o autoriza a modificar a vida daqueles que respondem” (Despret, 2023). Se a pesquisa iniciou meu processo de resposta, esse ensaio a finaliza – por enquanto. Aprendi que, enquanto meus mortos seguirem pedindo, eu responderei.

Figura 1: Imagem sem título.



Fonte: Álbum de família (cerca de 1990).

Referências bibliográficas

- Ariès, P. (2012). *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Nova Fronteira (Saraiva de Bolso). (Trabalho original publicado em 1977).
- Barthes, R. (1980). *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Nova Fronteira.
- Butler, J. (2004). *Precarious life: the powers of mourning and violence*. Verso Books.
- Caiuby Novaes, S. (2004). Imagem em foco nas ciências sociais. In S. C. Novaes et al. (Orgs.). *Escrituras da imagem* (pp. 11-20). Fapesp e Editora da Universidade de São Paulo.
- Da Matta, R. (1978, maio). O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. *Boletim do Museu Nacional*, 27, 1-12.
- Despret, V. (2023). *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. N-1 Edições. (Trabalho original publicado em 2015).
- Favret-Saada, J. (2005). Ser afetado. *Cadernos de Campo*, 13, 155-161.
- Giordano, P. (2020). *No contágio*. Âyiné.
- Maia, S., & Batista, J. (2020, agosto-dezembro). Reflexões sobre a autoetnografia. *Prelúdios*, 9(10), 240-246.
- Mauss, M. (1979). A expressão obrigatória dos sentimentos. In Cardoso de Oliveira (Org.). *Marcel Mauss: Antropologia* (pp. 147-153). Ática.
- Rose, J. (2024). *A peste: viver a morte em nosso tempo*. Fósforo.
- Samain, E. (2012). As imagens não são bolas de sinuca: Como pensam as imagens. In E. Samain (Org.). *Como pensam as imagens* (1. ed.) (pp. 21-36). Editora da Unicamp.
- Sanfelicio, M. K. (2022, julho). Fotografando o impossível: Ritos e imagens da morte produzidas durante a pandemia de covid-19 no Brasil. *Ponto Urbe [Online]*, 30, 1-14.
- Sanfelicio, M. K. (2024). Images of pandemic inequality in Brazil. In S. Maddanu & E. Toscano (Orgs.). *Inequalities, Youth, Democracy and the Pandemic* (pp. 116-133). Routledge.
- Santos, C. J. dos (2020). Corpo, lacuna, traço. *GIS: Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia da USP*. 5(1). <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.172250>
- Santos, S. M. A. (2017). O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP*, 24(1), 214-241.
- Vernant, J. P. (1990). Do duplo à imagem. In J. P. Vernant. *Mito e Pensamento Entre os Gregos: Estudos de Psicologia Histórica* (pp. 383-415). Paz e Terra.
- Vicente da Silva, A. (2020a). Os "ritos possíveis" de morte em tempos de coronavírus. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 1-12.

Vicente da Silva, A. (2020b, abril). Velórios em tempos de covid-19. *Boletim Cientistas Sociais*, 25. <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-%20sociais/destaques/2339-boletim-n-25-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>

Wagner, R. (2017). *A invenção da cultura*. Editora Ubu. (Trabalho original publicado em 1981).

Warburg, A. (2015). Introdução à Mnemosine. In A. Warburg. *Histórias de fantasmas para gente grande*. Escritos, esboços e conferências. (Edição do Kindle). Companhia das Letras.

Submetido em: 11 de fevereiro de 2025

Aprovado em: 26 de outubro de 2025

